

TIBÃES: MEMÓRIA E ERUDIÇÃO NA POLIGRAFIA BENEDITINA

Ana Isabel Líbano Monteiro

Biblioteca Nacional de Portugal

RESUMO

A Livraria do Mosteiro de S. Martinho de Tibães (Braga), Casa Mãe da Ordem de S. Bento do Reino de Portugal era uma das mais ricas e preciosas quer pelas áreas temáticas, quer pela qualidade das obras preservadas, incluindo os periódicos em circulação nos demais países europeus. No Brasil, os Mosteiros recebiam e preservavam além de obras didáticas outras, de caráter religioso e científico. A pesquisa identificou obras que alimentavam a cultura dos beneditinos.

Palavras-chave: Informação e memória. Disseminação da informação. Cultura e memória.

A extensa Livraria do Mosteiro de S. Martinho de Tibães (Braga), Casa Mãe da Ordem de S. Bento do Reino de Portugal – primorosamente organizada segundo classificação francesa em seis áreas temática¹, por Frei Francisco de S. Luís, Cardeal Saraiva – tinha à consulta as *Voyages dans l'intérieur du Brésil*, amplamente ilustradas e divulgadas na Europa do tempo². Obra do viajante britânico John Mawe (1764-1829), que mostrava o Novo Mundo e as riquezas mineiras a desbravar, só viu a versão portuguesa tardiamente.³

A estante da *Polygrafia, Historia Literaria e Bibliografia* – que albergava diversas especificidades – destacava pelas obras de erudição e, entre outros, pelos numerosos periódicos e gazetas que o Mosteiro recebia regularmente: *Journal des Savants (Paris, 1665-1775)*, *Gazeta de Madrid (1775-1776)*, *The Universal Magazine of knowledge and pleasure (London, 1747-1803)*, *The Mirror: a periodical paper (Edimburg, 1779-1780)*, *O Investigador Portuguez em Inglaterra: jornal literário e político, desde 1811 dos emigrados liberais*⁴. Umas e outros testemunham a atenção dos Abades Gerais às notícias do mercado livreiro internacional, que alcançava o outro lado do Atlântico.

As encomendas a livreiros franceses residentes em Lisboa, desde Pernambuco⁵ e de outras zonas do Brasil, assim o atestam, sendo a mais antiga de 1784⁶ (CURTO et al, 2007, p.286).

1 O acervo vem recolhido no *Index da Livraria do Mosteiro de S. Martinho de Tibães*, 1798, manuscrito 950 do Arquivo Distrital de Braga. Detinha cerca de 3.500 títulos e abrangia as Áreas da Teologia, Jurisprudência, Literatura, História e Geografia, Ciências e Artes e Poligrafia, sendo apenas a última objecto deste artigo..

2 Edição de Paris: *Gide Fils Libraire, 1816, traduits de l'anglais par J. B. Eyriès, tome premier et second enrichis de figures* e com dedicatória À Son Altesse Royale Le Prince Régent (depois El Rei D. João VI), que dera permissão ao autor, entre 1809-1810 – com a anuência do 1º Conde de Linhares, D. Rodrigo de Sousa Coutinho – para visitar as jazidas de diamantes de Minas Gerais e de outras regiões do interior, de que deixou roteiro rigoroso e ousado bem conhecido. Não escapara à prisão castelhana de Montevideo, em 1805 considerado espião, só libertado por Beresford quando da conquista da cidade no mesmo ano. Em 1811 vemo-lo estabelecido em Londres, reconhecido *mineralogist* e comerciante de pedras preciosas.

3 Em edição de Zélio Valverde no Rio de Janeiro em 1944. Contudo, as estampas, também pelo exotismo, reproduziram-se isoladamente, por vezes com propósito solidário. Cf. *Assignatura de vinte estampas da obra que se publica intitulada Viagens ao interior do Brasil [...] A beneficio da Livraria do Convento de S. Francisco da Cidade*. Lisboa, na Impressão Régia, 1820.

4 Com efeito, registram-se cerca de 20 títulos portugueses e estrangeiros, se os somarmos aos constantes do fundo do IAN/TT - *Inventário da Livraria do Mosteiro de Tibães realizado a 12 de Maio de 1834*, fl. 27 v, na presença de Frei José Maria Coelho Brandão, um dos últimos monges residentes.

5 Depois do Rio de Janeiro, é o destino mais citado nas licenças de envios de livros desde 1806. Referência única ao Maranhão em 17 de julho de 1827, que usufruiria mais tarde de um dos numerosos Gabinetes Portugueses de Leitura fundados no Brasil no século XIX (Fonte: IAN/TT – Desembargo do Paço: Corte, Estremadura e Ilhas) (CURTO et al, 2007).

6 Este comércio anda ligado aos Bertrand, Borel, Reycend, Martin e Dubeux (CURTO et al, 2007, p.286).

O século XVI foi pródigo para os seguidores de São Bento em fundações de casas, que dariam origem aos mosteiros por toda a Costa do Brasil⁷, consolidando-se o “voto de passar o mar” dos candidatos só no século seguinte⁸. As bibliotecas dos beneditinos acompanhavam as “primeiras pedras” e, se “os abades que mais se distinguiram por prósperas administrações foram também os seus melhores protectores”⁹ (SOARES, 1954, p.337-343), o monge bibliotecário era o seu melhor fiador, com algumas exceções¹⁰. Eloquente é a nomeação de Frei Camilo de Monserrate Cléau¹¹, desde 23 de abril de 1853 a 1870, para a guarda dos muitos tesouros bibliográficos que acompanharam a transferência da Corte para o Brasil.

Também as bibliotecas dos jesuítas desde cedo seriam recurso quase único¹² para os amantes da leitura ou da instrução (MORAES, 2006).

D. Francisco Manuel de Melo tê-los-ia visitado na Baía (GINA, 2008, p.17), aquando do degredo em 1655. Figura grada das armas e das letras portuguesas, que relata na *Epanáfora Triunfante* a recuperação de Pernambuco ao usurpador batávico, escreveu o *Tratado da Sciencia Cabala ou Noticia da Arte Cabalistica*, também elencado na Poligrafia tibanense, que veria a luz na centúria seguinte¹³.

Este núcleo alimentaria, seguramente, muitos dos tempos de lazer da comunidade. Tinham à consulta a obra de cariz humanista e de grande fôlego, *Catalogus Gloriarum Mundi* do borgonhês Barthelemy de Chasseneux (1480-1541) com ampla difusão quincentista. Tentava explicar o Universo através das suas precedências. Ilustrada, não escondendo propósito didático, retrata, com mestria, ofícios e funções numa sociedade fortemente hierarquizada. Iniciavam as Casas reinantes, percorria as dignidades eclesiásticas, seguiam-se as da nobreza, militares e da magistratura, dava lugar digno aos artesãos e finalizava com ensaio científico sobre o orbe celeste e na contemplação da Criação.

Por outro lado, albergava as *Acta Eruditorum*, opulenta coleção de mais de 100 tomos, impressa em Leipzig desde 1682. Bem fornecida de índices e gravuras, com intuito de divulgação, abrangia inúmeras áreas do saber: desde a mecânica ao cálculo diferencial, a anatomia, a osteologia, a medicina hidrostática, a astronomia; noticiava as mais recentes gramáticas de línguas orientais ou as controvérsias teológicas da Reforma e dos Ortodoxos.

Retomando os clássicos tratados de Pompónio Mela, Caio Júlio Solino e Lúcio Flórido, constavam, também, os *Commentaria in C. Julii Solini Polyhistora*, dos prelos de Basileia da conhecida dinastia quincentista de impressores Petri¹⁴. Os autores, pares de Plínio nas primeiras descrições geográficas do mundo de então, seriam lembrados por páginas de renascentistas e humanistas.

7 A instituição da Província do Brasil ocorreu em 1596, muito embora a Congregação já tivesse casas em Salvador, Olinda, Rio de Janeiro, Ilhéus e Espírito Santo conforme Eugênio Lins (2002, p.173).

8 Essa disponibilidade – vivida desde meados do séc. 16 - só aparece exigida a partir de 1629 nas *Constitutiones Monachorum Nigro rum Ordinis S. P. Benedicti Regnorum Portugaliae*, em tempo de D. Frei Tomás do Socorro, Abade Geral, que havia sido Provincial do Brasil entre 1602-1607. Cfr. Em Geraldo Dias (1984, p.98-99; 1995, p. 75-88).

9 Trabalho relevante, ainda hoje fundamental, cuja massa informativa preciosa serviu para este artigo.

10 Na última página referenciada, em Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano (1952, p.281, 365, 381), o Padre Prior Frei José de Santa Júlia Botelho descreve “esta Biblioteca como uma das mais importantes da Ordem, mas estando aberta, sem chave, comida de traça e de cupim, nojenta e as obras todas truncadas, devido aos empréstimos e à ausência do mais insignificante cuidador”. (Ibd., 1952, p. 281, 365, 381). Merece notícia Araújo (2002).

11 Nasceu em 1818 e morreu em 1870. Lecionou como Professor Catedrático no Colégio D. Pedro II. Sobre o que almejava para o precioso acervo como representação da Nação, veja-se Scwarcz (2002).

12 Principalmente cap.3, 4 e 5.

13 Edição de 1724 dos prelos de Bernardo da Costa de Carvalho, Impressor do Sereníssimo Senhor Infante na Lisboa Ocidental, foi dedicada por Matias Pereira da Silva a D. Francisco Caetano de Mascarenhas, Prior Mor de Avis, do Conselho de Sua Majestade.

14 *Basileae per Henricum Petri*, 1557.

Não ficavam esquecidas as obras de referência, de conteúdo oscilante entre a mitologia, a literatura e a teologia: a seiscentista madrilena de Juan de Moya, *Filosofia secreta donde debaxo de historias fabulosas se contiene mucha doctrina y es materia muy necesaria para entender Poetas y historiadores* e, já de setecentos, o *Teatro de los Dioses de la gentilidad* do salmanticense Baltasar de Vitoria, impresso em Barcelona por Juan Pablo Martí.

Ainda títulos castelhanos como *Las obras y relaciones de Antonio Perez, Secretario de Estado que fue del Rey de España*¹⁵, hábil estadista, com dedicatória a Henrique IV de França, datada de Paris, 24 de Setembro de 1598, exaltando a virtude da Piedade. De consulta obrigatória para os que desempenhavam cargos no Estado ou na Administração pública do tempo foi, simultaneamente, obra cume da história política e veículo da “lenda negra” que ensombraria Filipe II e o seu reinado.

Sob o título *Libros en que estan reatados diferentes cuadernos phisicos, medicos, astrologicos, poeticos, morales y mysticos*¹⁶, Diego de Torres y Villaroel oferece-nos uma inesperada explicação “amusante” dos signos e do corpo humano, após bizarra introdução que inicia assim: “Amortajado en un sucio ropón, que despues de estar bien ahito de grassa...”¹⁷. Noutro sentido, *A Carta del Maestro de los Niños a Don Gabriel Alvarez de Toledo, primer Bibliotecario del Rey*¹⁸ é bom exemplo de cuidada “recensão bibliográfica”.

El Siglo de Oro estava bem representado nas obras de Francisco de Quevedo e Baltasar Gracián. Mais tardios, o polígrafo ilustrado Benito Geronimo Feijoo¹⁹ – que se denominava a si mesmo como *ciudadano livre de la Republica das Letras*, feroz crítico dos gongóricos - com o *Teatro Crítico Universal abreviado e traduzido*, impresso em Coimbra (1746) e um dos seus numerosos seguidores, Juan Martinez Salafranca nas *Memorias eruditas para la critica de Artes y Ciencias* (1736).

A história de Roma também figura nesta estante em títulos aliciantes: *Séneca y Neron*²⁰, a biografia da ambiciosa Cleópatra, do Conde Maiolino Bisaccioni, impressa em Veneza (1662), *Il Romulo et il Tarquinio Superbo* em minúscula edição de bolso, do Marquês Malvezzi²¹ ou, de D. Antonio de Guevara, o *Libro Aureo del Imperador Marco Aurelio*.

Ainda seiscentista é o *Magnum Theatrum Vitae Humanae* do teólogo e filósofo de Antuérpia Laurentius Beyerlinck²². Já setecentistas (Lyon, Peter Vander, 1703) em 10 volumes, são as *Opera omnia cum notis* de Erasmo de Roterdão, talvez com reserva de consulta, não esquecendo que dois beneditinos haviam sido destacados para a Real Mesa Censória ainda antes do Mosteiro beneficiar da autorização régia para conservar livros proibidos²³.

Outras coleções, em formatos adequados ao conforto de uma leitura itinerante, eram os *dictionnaires portatifs franceses*. O *Nouveau Dictionnaire Historique Portatif ou histoire abrégée de tous les hommes qui se font fait un Nom par des Talents, des Vertus, des Forfaits, des Erreurs*,

15 En *Geneva por Juan de la Planche*, 1631 (impressor imaginário?). A primeira edição do ex-valido do Rei, impressa em Paris em 1598, saíra sob o pseudónimo Rafael Peregrino.

16 Impresso em Salamanca por Antonio Villagordo y Pedro Ortiz Gomez, 1752, p. 1. Os tibanenses possuíam mais 12 tomos, in 4, das Obras de Torres.

17 *Libros en que estan reatados...* p. 1. da “Introduccion y prevenciones precisas para el viaje”.

18 Em que o autor evoca aquele verso tão atual “Juan Perez de Montalvan, poeta muy importuno, hizo un libro para todos no siendo para ninguno!” (Saragoça, 1713).

19 Benito Geronimo Feijoo y Montenegro (Galiza, 1676-Oviedo, 1764). A primeira edição do *Theatro crítico universal o discursos vários de todo o género de matérias para desengano de errores comunes* foi impressa em Madrid, no ano de 1726, estendendo-se os volumes até 1739. Desmontam do crenças e superstições e crítico da sociedade corrompida do tempo, mereceu traduções em numerosas línguas e a sua divulgação alcançou o Brasil.

20 *Compuesto por D. Fernando Diez de Aux y Granada*, pseudónimo que esconde o autor Juan Francisco Fernandez de Heredia e é dedicado ao Conde de Penaguião (Lisboa, 1648).

21 Livro de 5x10 cm, impresso em Bracciano per Andrea Fei, Stampatore Ducale, 1636.

22 Impresso em Lyon por Huguetan. Obra em 8 volumes, representativa dos tentames de organização do saber em enciclopédia; contém biografias dos Papas, noções de biologia ou descrições de jogos, etc.

23 Desde 1772. Os dois indigitados foram Frei João Baptista de S. Caetano, veterano que professara no Mosteiro a 16 de Abril de 1738 e Frei Francisco de S. Bento, Cronista da Congregação entre 1761 e 1768.

par une Société de Gens de Lettres, bem fornecido de Tábuas cronológicas. Agilizavam informação sucinta – bom retrato do pensamento francês cartesiano - 20 anos antes da *Revolution* – expondo “sans flatterie et sans amertume, ce que les Ecrivains les plus impartiaux ont pensé sur le Génie, le Caractère & les Moeurs des Hommes célèbres dans tous les genres” (MARC-MICHEL REY, 1769).

Também acessível em 23 volumes, era a *Histoire générale des auteurs sacrés et ecclesiastiques* de D. Remy Ceillier, impressa em Paris entre 1729 e 1763.

Difícil de “alinhar” – como acontecia a numerosos títulos “arrumados” na Poligrafia - era a *Miscellanea do Sítio de Nossa Senhora da Luz do Pedrogão* de Miguel Leitão de Andrada, testemunha presencial da batalha de Alcácer Quibir, aí descrita com representação iconográfica e de interesse para a devoção mariana (ANDRADA, 1867)²⁴.

Desfilavam ainda neste espaço as *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa* desde a sua fundação: os tomos da Literatura, as *Memórias da Agricultura e as Memórias econômicas*. Também setecentistas, as *Cartas em que se dá notícia da origem e progressos das ciências*, propositadamente deixadas anônimas²⁵, evocam, entre outras, a acesa e extensa polémica suscitada com as novas ideias pedagógicas de Luís António Verney, por altura do *Verdadeiro método de estudar*. Do Oratoriano Manuel Consciência, contemporâneo e discípulo de Manuel Bernardes, podia ler-se a *Academia Universal de vária erudição sagrada e profana* de intuito moral e ascético.

Com propósitos de arrumação bibliográfica, mas em datas extremas de impressão e de autorias, dispunha o monge bibliotecário de obras estrangeiras e nacionais: *De Scriptoribus Ecclesiasticis* do sábio Trithemis, o mesmo título de S. Roberto Belarmino, a *Bibliographie instructive de De Bure*²⁶ ou a *Bibliotheca Lusitana* de Barbosa Machado²⁷.

Outras utilíssimas “obras de referência bibliográfica” tais como a *Bibliotheca Benedictino-Mauriana* de Bernardo Pez²⁸, a *Bibliothèque Historique des auteurs de la Congregation de St. Maur de Filipe Le Cerf*²⁹ ou a *Bibliotheca Bibliothecarum Manuscriptorum Nova* de Bernard de Montfaucon³⁰ faziam jus aos eruditos beneditinos que haviam contribuído de forma determinante para as ciências auxiliares da história, como por exemplo, a paleografia e a diplomática³¹.

Noutras estantes poderiam ler-se autores beneditinos considerados da America portuguesa, tais como Frei Mateus da Encarnação Pina³², natural do Rio de Janeiro, que dedica o conhecido *Viridário Evangelico*³³ a Frei Manuel dos Serafins, então Dom Abade do Real Mosteiro de S. Martinho de Tibães, Geral da Ordem de S. Bento do Reino de Portugal e Principado do Brasil.

24 Obra curiosa foi reimpressa por iniciativa de Inocêncio a favor de “quantos prezam as letras portuguesas e desejam os livros dos nossos bons clássicos” in INOCÊNCIO (1862, p.240-241).

25 O autor, médico da Casa Real, João Mendes Sacchetti Barbosa (Estremoz, 1714-1780) critica os modernos, considerando-os ignorantes e atrasados e tece elogios aos doutíssimos beneditinos. Transcreve as instruções de Mabillon sobre os letrados, por exemplo na Carta VIII, recomendando-o como referência e expoente para os investidos de autoridade ou na docência.

26 Esta, com posse autógrafa de Tibães, certamente teria servido aos monges na “ordem dos livros” ou em propostas de aquisição.

27 No Tomo IV - Índice *Das Patrias*, o Abade de Sever refere 91 autores da América Lusitana (p. 446-447) que bem mereciam estudo aturado (MACHADO, 1629).

28 Impressa em Augsburg, 1716

29 Impressa em Haia, 1726

30 Impressa em Paris, 1739, ainda hoje à consulta como Usual da Sala de Leitura de Reservados na BNP.

31 Com efeito, Jean Mabillon (1632-1707) e Bernard de Montfaucon (1655-1741) foram pioneiros nestas áreas do saber: as suas obras sobre a Antiguidade, História Eclesiástica, Línguas Orientais e Paleografia obtiveram enorme divulgação no âmbito da polémica seiscentista relativa a precedências, primazias e posses das distintas ordens religiosas.

32 Na folha de rosto pode ler-se “por seu author Monge de S. Bento do Brasil, Jubilado em theologia e Dom Abade do Mosteiro do Rio de Janeiro”.

33 Dos prelos de Lisboa, por Pedro Ferreira, em 1735.

Mais tardia é a obra do Visconde de Rio Seco³⁴, em boa hora nomeado para organizar a transferência da família real para o Brasil em Novembro de 1807, na iminência da invasão de Junot. Anos mais tarde, hesitante entre servir o Rei de Portugal ou o Imperador do Brasil, sendo o seu desempenho considerado menos claro na Fazenda ou nas benesses reais, foi forçado a deixar testemunho do porquê da opção brasileira na *Exposição analytica e justificativa da conducta e vida publica do Visconde do Rio Secco*, com permissão de Sua Alteza Real o príncipe Regente do Brasil (Rio de Janeiro, na Imprensa Nacional, 1821). A sua memória que pretende “expor a verdade em todo o seu esplendor e clareza”, bem documentada com anexos financeiros e fundamentação jurídica, oferece-nos particularidades não despiciendas sobre a vida da Corte na Terra de Vera Cruz. Desde o guarda-roupa ao “bolsinho real de Sua Majestade de que era fiel”; a administração da Real Capella, do Erário Fluminense ou das cavaliças e das rações, tudo aí fica patente para, sem apelo nem agravo, a reabilitação do nome chegasse a bom termo.

Estes exemplos e outros que se poderiam juntar permitem uma visão, fragmentada porém, do variegado acervo, mas com alguma importância para a memória e erudição beneditinas.

34 De seu nome Joaquim José de Azevedo, nascido em Belém (Lisboa) a 12 de Setembro de 1761, morre no Rio de Janeiro a 7 de Abril de 1835. Serviu o Imperador, que o fez 1º Marquês de Jundiahy e Comendador das Ordens do Cruzeiro e da Rosa, ambas brasileiras.

REFERÊNCIAS

- ANDRADA, Miguel Leitão de. *Miscellanea do Sítio de Nossa Senhora da Luz do Pedrogão*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1867.
- ARAÚJO, André. *Dos livros e da leitura no Claustro: elementos de história monástica, de história cultural e de bibliografia histórica para o estudo da Biblioteca-Livraria do Mosteiro de São Bento de São Paulo*. São Paulo, Fac. Filosofia, Letras e Ciências Humanas 2002, 209 folhas, Dissertação. (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo – São Paulo, 2002.
- DIAS, Geraldo J. Amadeu Coelho. Os beneditinos portugueses e a Missão. [s.l.] : *Bracara Augusto*, v. XXXVIII, fac. 85-86, p.98-99, 24p. jan./dez. 1984. Separata.
- DIAS, Geraldo J. Amadeu Coelho. O mar e os beneditinos portugueses: atracção e perplexidade. [s.l.]: *Revista Mínia*, Série III, a.3, p.75-88. 1995. Separata.
- GINA, Rafael. ; FRANCO, Luís Farinha. (Coord.). *D. Francisco Manuel de Melo: 1608-1666*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2008.
- LINS, Eugénio de Ávila. *Arquitectura dos Mosteiros Beneditinos no Brasil*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002, Vol. 1.
- MACHADO, Diogo Barbosa. *Bibliotheca Lusitana*. Lisboa: Oficina de Francisco Luiz Ameno., 1629.
- MANUSCRITOS do Arquivo do Mosteiro de S. Bento de Olinda. *Revista do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano*. Pernambuco, vol. XLII (1948-1949), p. 281, 365, 381, 1952.
- MARC-MICHEL REY, Chez (Ed.). *Amsterdam, The Netherlands: Bibliotheek van de Koninklijke Vereniging van het Boekenvak*. 1769. 4 Vol.
- MAWE, John. *Viagens ao interior do Brasil*. Trad.R.P.M – Frei Polidoro de N.S. da Lapa. Lisboa: Impressão Regia, 1819. 208 (Obras Raras da Biblioteca Rio-Grandense, 558).
- MAWE, John. *Viagens ao interior do Brasil principalmente aos distritos do ouro e dos diamantes*. Trad. Solena Benevides Viana. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1944.
- MORAES, Rubens Borba de. *Livros e bibliotecas no Brasil colonial*. 2.ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2006.
- SALAFRANCA, Juan Martinez. *Memórias eruditas para critica de arte*. Madrid: La Imprenta de Juan de Zuniga, 1736.
- SCWARCZ, Lilia Moritz. A longa viagem da biblioteca dos Reis: do terremoto de Lisboa à independência do Brasil. In: *Pagando caro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. Cap. 11.
- SILVA, Inocencio Francisco da. *Diccionario bibliographico portuguez: estudos applicáveis a Portugal e ao Brasil*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1859-1938. 24 v. Vol. VI (1862), Lisboa: Imprensa Nacional, 1858. p. 240-241.
- SOARES, José Carlos de Macedo. Fontes para a história da Igreja Católica no Brasil. In: *As bibliotecas dos beneditinos*. São Paulo: Tipografia Edanei Ltda, 1954.